

A PEDAGOGIA DA VIAGEM COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O MÉTODO

LORENA MAIA RESENDE¹ E EDUARDO ROCHA²

¹PROGRAU/UFPEL – lorenamilitao@gmail.com

²PROGRAU/UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Quando os métodos tradicionais de pesquisa não conseguem comunicar a potencialidade do estudo, faz-se necessário criar outras ferramentas. Investigações na área de Arquitetura e Urbanismo exigem muita dedicação, prudência e compromisso, principalmente, quando se analisa cidades em seus diversos usos na contemporaneidade. A complexidade urbana lida com múltiplas redes, desde as infraestruturas físicas de construção, até a apropriação e sentido de pertencimento dos habitantes para com o ambiente inserido.

Atualmente, no processo de escrita da dissertação de mestrado intitulada “Cartografia urbana na linha de Fronteira: Travessias nas cidades-gêmeas Brasil – Uruguay”, foi necessário repensar qual metodologia e procedimentos metodológicos poderiam compreender a volatilidade e heterogeneidade das cidades compartilhadas em uma fronteira internacional. E, a pedagogia da viagem, foi uma das ferramentas que contribuiu para o aprimoramento da pesquisa. O uso deste termo dentro da academia está próximo das teorias pós-estruturalistas da educação, como em Popkewitz (2001), ciente sobre o mercado da educação e a previsibilidade dos métodos. E, a partir de experiências de viagens em cartografias urbanas, o estudo ganhou atenção gerando algumas publicações, como o livro “Cross-Cult: Desenho Urbano/*Urban Design*” por Eduardo Rocha et al. (2016) e o artigo “A experiência da pedagogia da viagem na fronteira Brasil-Uruguay” por Luana Detoni et al. (2017). A pedagogia da viagem, primeiramente, é uma viagem efetiva ao local de estudo, uma viagem até certo ponto conhecida, pois sabemos para onde vamos. No entanto, é também uma viagem para descobertas e experimentação rumo a acontecimentos imprevisíveis. Estrangeiros, nômades, pesquisadores, cartógrafos abertos a apreensão do outro.

O ato de viajar, ir de encontro ao lugar a ser investigado, não se refere a uma viagem turística ou de simples reconhecimento, a viagem em questão está próxima do conceito de Michel Onfray (1959) de uma ética lúdica, de romper com um desenho urbano cada vez mais controlador, da imposição de um sedentarismo espacial e temporal. A pedagogia da viagem também é uma forma de resistência e ruptura a uma sociedade capitalista, um convite a experimentar as frestas e a alteridade urbana.

Dito isso, este trabalho traz como novidade questões relacionadas a inovação metodológica em experimentar o inusitado, trazer heterogêneos que desestabilizem os padrões em uma escrita rizomática¹ e adentrar as frestas,

¹ O conceito de rizoma proposto por Deleuze e Guattari (1995) tem origem na biologia, contrapondo as vegetações de organização arborescente (o tronco principal que alimenta os galhos), das vegetações rizomáticas (como a grama, em que suas raízes subterrâneas não possuem uma lógica central, espalham-se como rede). Assim, fazem uma analogia com a organização do pensamento tradicional considerado arborescente, direcionado, imposto, sem conexões intermediárias. E a proposta rizomática como uma alternativa para um pensamento aberto, comunicante, desprendido de essências.

estimular a subjetividade na construção de novos agenciamentos². Objetiva-se enaltecer e divulgar este instrumento de pesquisa que demonstra excelência na apreensão e inscrição dos acontecimentos urbanos, além de oferecer novas pistas para tomada de decisões de planejamentos, políticas públicas que realmente favoreçam as necessidades citadinas.

Para acompanhar os acontecimentos na contemporaneidade é preciso romper com estruturas historicamente consolidadas que, de certa forma, impedem a visibilidade do novo, do que está escondido, simulado.

2. METODOLOGIA

Buscando divulgar e compreender os fundamentos e especificidades do instrumento metodológico da Pedagogia da Viagem, optou-se por pesquisar autores que dialogassem sobre o tema. Publicações, livros, artigos de diversas áreas do conhecimento (filosofia, geografia, antropologia, arquitetura e urbanismo), que, na maioria das vezes, não se referem a viagem como um método, mas discorrem sobre a importância e curiosidades do ato.

Assim, através de uma pesquisa exploratória, bibliográfica, foi possível chegar a alguns resultados e conclusões que esclarecem a apropriação da inovação metodológica dentro da academia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo da pedagogia da viagem pode ser dividido em três momentos: antes da viagem (expectativa/ansiedade); durante a viagem (experiência) e depois da viagem (pausa/reflexão). A primeira parte é quando organizamos as malas, escolhemos que coisas levar e o que deixar, com o pensamento inquieto pelas indeterminações. A segunda fase é a própria experiência, quando o pensamento flutua e é constantemente atravessado pelos acontecimentos. Por fim, a terceira fase é a volta, desfazer as malas e retirar as lembranças, aquietar o pensamento e permitir novos agenciamentos. Nessa coleta a escrita é uma ferramenta que contribui na captura do pensamento rizomático que vai, volta, retorna, está em constante movimento (ROCHA et al., 2016).

Michel de Certeau (1994), em *A invenção do cotidiano* esclarece que todo relato pode ser considerado um relato de viagem, que nada mais é do que uma prática do espaço. E, para analisar essas narrativas do cotidiano - ou como ele prefere nomear, ações narrativas - existem alguns métodos e categorias, como por exemplo, a semântica do espaço, a psicolinguística da percepção, a sociolinguística das descrições de lugares, além de diversos outros procedimentos. Mas, é necessário observar as nuances entre lugar e espaço. Para o autor, “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202). O ser (lugar/estabilidade) em relação com o meio (espaço/velocidade). E, dentro dessa estrutura existe o mapa e o percurso, ambos polos da experiência. O primeiro está ligado a ordem do ver, do conhecimento do lugar, do discurso. O segundo, já está na ordem do fazer, da ação do espaço e observação. No entanto, os

² Um agenciamento, a partir da filosofia deleuze-guattariana, comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquinica, gnosiológica, imaginária. Na teoria esquizoanalítica do inconsciente, o agenciamento é concebido para substituir o “complexo” freudiano.

percursos são condicionadores de um mapa, pois é uma prática do fazer que permite um ver (CERTEAU, 1994).

Complementando esse pensamento, – atrelado tanto a Certeau como a Careri (2017) – o antropólogo britânico Tim Ingold (2005) reflete as relações do sujeito com o ambiente, acreditando que a construção do conhecimento acontece a partir de práticas cotidianas locais, ou seja, cada caminhada é um processo contínuo de reconhecimento. Enquanto o sujeito caminha pela cidade ele vai mapeando esses espaços e lembrando da rota percorrida, dessa forma cria sua própria percepção do ambiente. Ingold ainda critica certa pretensão da cartografia moderna de querer representar de forma fiel e objetiva a multiplicidade dos trajetos e experiências do contexto citadino. Alerta para a diferença entre mapear e elaborar um mapa. O processo de mapear é aberto, um constante movimento de “descobrir-caminhos” sem a intenção da estabilidade e fixação em um mapa físico, como é o caso da elaboração de um mapa que registra um certo momento e não dá conta da fluidez do tempo ininterrupto (INGOLD, 2005).

No entanto, contradizendo a esse fascínio pela viagem, Deleuze (1988) demonstra certa repugnância pelo ato de viajar. Não que o autor seja totalmente contra a viagem em si, mas nas condições que ele, intelectual, palestrante, viaja são “monstruosas”. No primeiro contato com essa afirmação de Deleuze há um choque, certo estranhamento já que o autor cria o conceito de nomadismo, mas justifica que “a viagem do intelectual é o contrário da viagem” (idem, p. 101), e, que os nômades “são pessoas que não viajam” (idem, p. 102). O interessante do pensamento de Deleuze está justamente no fato de enxergar além, porque acredita que em toda viagem também existe uma “falsa ruptura” ou uma “ruptura barata”. Nesse momento, o autor entende que para romper não é preciso viajar, todavia muitos viajam com a desculpa do rompimento, da “busca de um pai” - lembrando o mito do édipo. Quanto aos nômades, são eternos construtores de territórios, sempre territorializando não desejam deixar a terra. Muito diferente do imigrante, foragido, exilado que são obrigados a viajar. Deleuze enaltece o devir-nômade, rompe com a representação foucaultiana, rompe com a estrutura do próprio pensamento e imaginação. A verdadeira viagem é aquela que muda a perspectiva, o *percepto* e não precisa, necessariamente, sair do lugar.

Contudo, Deleuze se aproxima de Proust para compreender que em uma viagem o que fazemos é sempre verificar algo. Verificar, investigar, confirmar. Aqui está a questão chave da pedagogia da viagem. O ato de viajar é ir ao encontro de algo ou alguém, previsível ou não, mas que desejamos averiguar. E, para isso, cada viajante nômade territorializa o que vê, toca, sente à sua maneira, construindo seu próprio território.

4. CONCLUSÕES

A pedagogia da viagem é um instrumento metodológico que rompe com falsas idealizações ou pré-conceitos de lugares que são midiatizados, mas que não foram efetivamente sentidos. Na dissertação sobre as cidade-gêmeas da fronteira, citada anteriormente, foi perceptível a mudança na escrita e no discurso antes e pós viagem. Antes de viajar pela fronteira a imaginação era de um lugar de tensão, constante monitoramento, presença de militares e exaustiva burocracia. Mas, depois de percorrer toda fronteira, o relacionamento entre as cidades demostrou fortes laços de hospitalidade e compartilhamento. Embora a presença militar incomodasse algumas vezes, na maior parte do tempo aquela imaginação construída por relatos generalistas se tornou inconsistente, já não fazia mais sentido. Desta forma, a viagem rompe também com a presunção de

que dominamos todo conhecimento mediante as experiências dos outros, através de livros ou relatos. É preciso sair da zona de conforto e ver por si mesmo.

A contribuição desta metodologia reforça a preocupação dentro das pesquisas de se contentar com verdades já postuladas, de seguir sempre o mesmo passo a passo. Especialmente para a área de Arquitetura e Urbanismo é preciso o olhar mais atento e de perto. As intervenções urbanas realizadas, principalmente em mapas construídos de longe e de fora, podem acarretar problemas irreversíveis. Uma cidade organizada não implica necessariamente em uma cidade viva, o fantasma do modernismo ainda impera de mãos dadas com o capitalismo selvagem. Não é de se espantar, por exemplo, a frequência da privatização silenciosa dos espaços públicos, ou os privilégios dos veículos velozes em contraposição com os pedestres, além da gentrificação, remoções abusivas, condomínios fechados, o pré-conceito sobre a periferia e favelas, e vários outros temas urgentes que precisam ser averiguados e contestados. A pedagogia da viagem é um dos instrumentos que possibilita ao pesquisador sair da bolha do senso comum, ou mesmo consenso de alguns autores, para então criar sua própria narrativa, próxima da essência dos acontecimentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol.1.

DETOMI, Luana Pavan; RESENDE, Lorena Maia; PINHO, Rafaela barros de; ROCHA, Eduardo. **A experiência da pedagogia da viagem na fronteira Brasil-Uruguay**. INSITU, v. 3, p. 83-98, 2017.

INGOLD, Tim. **Jornada ao longo de um caminho de vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação**. *Religião e Sociedade*, v.25, n.1, 2005, p. 76-110.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia** (1959). Tradução de Paulo Neves – Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

POPKEWITZ, Thomas. **Lutando em defesa da alma**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ROCHA, Eduardo; AZEVEDO, Laura Novo de; ALLEMAND, Débora Souto; HYPOLITO, Bárbara de Bárbara; TOMIELLO, Fernanda. **Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design** – Pelotas/RS e Oxford/UK. Pelotas: UFPel, 2016.